

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**

**Jocilane Gonçalves Barbosa**

**Sexismo e misoginia no banco dos réus:**

Análise do livro *Malleus Maleficarum* e sua contribuição para perseguição feminina nos tribunais inquisitoriais europeus do século XV.

**JUIZ DE FORA**

**2018**

**Jocilane Gonçalves Barbosa**

**Sexismo e misoginia no banco dos réus:**

Análise do livro *Malleus Maleficarum* e sua contribuição para perseguição feminina nos tribunais inquisitoriais europeus do século XV.

Monografia de Final de Curso elaborada sob a orientação da Professora Dra. Denise da Silva Menezes do Nascimento como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

Juiz de Fora, 2018.

*“Não sabes tu que és Eva, tu também? A sentença de Deus tem ainda hoje todo o vigor sobreeste sexo, é preciso portanto que a culpa subsista também. Tu és a porta do Diabo, tu consentistena sua árvore, foste a primeira a desertar da lei divina.”*

(Tertuliano)

Dedico este trabalho ao meu compadre, AMIGO, irmão de coração: Gabriel de Lima e Silva, você exerce, um papel fundamental em minha vida pessoal e acadêmica, sempre foi meu espelho e orgulho. A mão sempre estendida em meus piores momentos. Incentivador constante e apoio sem igual. Essa vitória é nossa, ela seria impossível sem você. Toda minha gratidão e carinho eternos.

## AGRADECIMENTOS

Como dizia o poeta: “É impossível ser feliz sozinho”. Essa é uma conquista pessoal, mas seria inviável sem as muitas mãos que me ampararam e guiaram até aqui. Minha caminhada não foi fácil, no entanto, sinto-me fortalecida por ter tido toda a coragem de seguir em frente, mesmo em momentos tão complexos.

Primeiramente agradeço aos meus pais, que assumiram a criação da minha filha e possibilitaram que eu voasse para realizar o tão sonhado curso superior, obrigada por terem sido pai e mãe em minha ausência, palavras nunca serão suficientes para agradecer o que fizeram nesses anos.

A Maria Eduarda, que me fez amadurecer e ter forças para conquistar um futuro melhor para nós, talvez hoje você não compreenda isso, mas um dia entenderá que toda minha busca por uma vida melhor foi por você.

Joselaine, minha companheira e amiga que sempre me deu força quando esmoreci. Suas palavras foram muito mais importantes do que você pode imaginar. Obrigada também pelo Ian, ele foi um incentivo a mais e veio acalantar um momento tão conturbado e doloroso.

Lindomar, obrigada por todo apoio e incentivo. Pela paciência em meus momentos de estresse, reclusão e ausências, por viver comigo as renúncias necessárias para que eu alcançasse meu objetivo.

Agradeço à minha orientadora, Denise, por ter me acolhido e apoiado. Sou grata pela paciência, compreensão e cuidado, aspectos que fizeram a diferença para a construção deste trabalho.

E principalmente em memória daquelas que sofreram pelo simples fato de serem mulheres. Que suportaram todas as dores e mazelas, flagelos e humilhações, que no infortúnio da intolerância se fizeram eternas nos deixando seus legados de força e coragem tão típicos das mulheres. Suas vivências representam a barbárie de um tempo e ao mesmo tempo ecoam como um grito de libertação. Vocês jamais serão esquecidas. Nossa luta diária por igualdade também é de, e por, vocês.

**RESUMO:**

O presente trabalho visa entender como o livro intitulado "MalleusMaleficarium" contribuiu para a perseguição feminina nos tribunais eclesiásticos no século XV, já que sua publicação alçou as mulheres a um patamar inovador: o de compor uma seita organizada essencialmente de pessoas do sexo feminino, que em uma ação de pacto diabólico serviriam ao mal, expondo assim, uma tentativa de destruir a Cristandade.

**Palavras Chave:** *MalleusMaleficarium*; Bruxaria; Inquisição; Perseguição Feminina.

## SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>1. Processo e Estigmatização da Bruxaria Como Heresia e o Discurso Religioso Segundo O Imaginário Cristão Do Medievo .....</b>	<b>16</b>
<b>2. O Imaginário Sabático e os Poderes Demoníacos Conferidos às Bruxas por Satã... 24</b>	
<b>2.1 Satã e os Sabá: Nova Concepção Discursiva .....</b>	<b>32</b>
<b>Conclusão .....</b>	<b>36</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>39</b>

## INTRODUÇÃO

Durante sua trajetória, a humanidade sistematizou instrumentos diversos com objetivo de ordenar e compreender a realidade para além dos fatos tangíveis, físicos e lógicos. As tentativas dos homens em controlar o universo e a busca pela transcendência à materialidade resultaram na consolidação de elementos sensoriais específicos e singulares ligados diretamente à crença no mágico, extraordinário, sobrenatural. Práticas mágicas sob a influência de sortilégios e encantamentos tornaram-se ao longo do tempo objeto ambíguo, causa de curiosidade e aversão, medo e fascínio. Com a expansão e consolidação do cristianismo no medievo europeu, a bruxaria ficou sob o estigma de infame e diabólica.

No contexto de pesquisa da obra intitulada *Malleus Maleficarum*, produzido e publicado no século XV, verifica-se a existência de um discurso severo contra as práticas mágicas, salientando-se a proximidade do feminino e da magia com o mal. Os processos contra as acusadas de bruxaria ocorreram, inicialmente, de forma esporádica. A perseguição regular, muitas vezes, só acontece de forma localizada, à medida que episódios cotidianos menos fortuitos chamavam atenção das comunidades, levando-as a crer que eram produtos da feitiçaria (KUNZE, 1989, p. 203). O paganismo como modelo de religiosidade continuava a existir, sendo, por vezes, incorporado às práticas cristãs na medida em que estas se desenvolviam (JONES; PENNICK, 1999, p. 286).

Desde os primórdios do Cristianismo confere-se à mulher o lugar primeiro da perversidade e da utilização da bruxaria como instrumento de luta do diabo contra os fiéis, na tentativa de frustrar a fé e a salvação humana. Mas a partir de *Malleus Maleficarum* esses estigmas se acentuaram. A Análise do Discurso, enquanto metodologia, propõe a descoberta da intenção política de um texto e seu autor. O discurso religioso, em especial, possui como característica principal a autoridade da voz que se sobressai ao autor do texto, a voz de Deus. O discurso cristão é, pois, lugar da verdade absoluta da Igreja e da luta contra a bruxaria. Em um momento conturbado para a história da Europa, em que a fome, as guerras e a Peste Negra contribuíram para a disseminação de um sentimento generalizado de insegurança entre a população, as crises no interior da Igreja passaram a ser vistas como reflexo da ação do mal sobre a cristandade, reflexo da ira de Deus. Sob a ótica religiosa de então, a natureza fraca da mulher e a influência diabólica sobre a mesma possibilitaram a difusão dos cultos sabáticos das bruxas por todo o continente europeu ocidental a fim de macular os princípios da fé, devendo ser sumariamente combatida pelos tribunais da Inquisição.



A Idade Média foi palco de um acontecimento marcante no que tange o percurso histórico da mulher. Este período é bastante relevante para estigmatização e deturpação do feminino. É importante compreender o medieval, enquanto um recorte histórico de cunho cronológico, que embora tenha durado cerca de mil anos, engloba contextos e agentes sociais, culturais e políticos heterogêneos e diversificados, e que se diferem completamente da perspectiva trabalhada durante muito tempo pela historiografia tradicional, que concebia tal período como a "Idade das Trevas". Verificamos que em determinadas épocas, e em diferentes espaços geográficos, as manifestações culturais mostram-se próprias e complexas. O ocidente europeu medieval não se constituiu em uma unidade de cultura uníssona, mas é possível observar que no que se refere ao pensamento e as mentalidades, o século XV trouxe a tona um discurso de perseguição intenso com relação às mulheres, que eram frequentemente acusadas de bruxaria. Discurso este, que a Igreja foi responsável por institucionalizar por intermédio da Inquisição e todo seu aparato.

Como justificar, então, o título dessa pesquisa, que faz referência a uma perseguição ampliada no tempo e espaço, quais sejam a Idade Média da Europa Ocidental? Trata-se da análise dos ecos de um discurso persecutório institucionalizado pela Igreja, representativo de um cristianismo que pretendia estabelecer uma verdade única, e cujos preceitos foram largamente repetidos por todo o Ocidente durante o século XV, período em que se insere o documento trabalhado. Arquitetado sobre pilares culturais específicos e bebendo em longínquas tradições no tempo, tal prática tornou-se corrente entre o clero católico e foi arduamente defendida pelo consenso leigo eclesiástico.

Para compreender os mecanismos discursivos presentes no tema do presente trabalho, utilizaremos a metodologia da Análise do Discurso (ORLANDI, 1999, p.15), que pretende problematizar as formas de leitura de um objeto e seu sujeito, levando-se em conta as dicotomias características da linguagem enquanto meio de enunciação de ideias. Destarte, a Análise do Discurso entende que a linguagem não é neutra, mascarada de sentido e significado. Para alcançar os princípios particulares de uma ideia, falada ou escrita, é necessário comprometer-se em elucidar seu sentido simbólico e político. Por sua vez, o discurso religioso (ORLANDI, 2006, p. 239), tipo discursivo no qual se insere o *Malleus Maleficarum* (fonte primária do trabalho em questão) possui como característica principal a autoridade do sujeito que dá voz ao texto, que se configura além dos autores, assentando sua premissa na orientação divina. O discurso religioso aparece, pois, mistificado e

repleto de simbolismo. Para os locutores e leitores da Cristandade a voz da Igreja não é senão, através do discurso de seus padres, escritores e teólogos, a voz de Deus.

Temos uma vasta produção historiográfica sobre a questão que nos propusemos analisar, a bruxaria no fim do medievo. Contudo aqui discutiremos apenas o ponto de vista de alguns autores que consideramos mais relevantes para o melhor entendimento do conteúdo, e produção deste trabalho. Optamos por focar nos autores da chamada teoria racionalista, que compreendem o fenômeno da bruxaria demonológica medieval como um mecanismo coercitivo da autoridade eclesiástica no intuito da consolidação de sua ortodoxia frente às ameaças internas e externas que a Igreja atravessava no período. No entanto, acreditamos que uma breve síntese das outras correntes historiográficas do tema seja essencial para melhor entendimento da nossa proposta, posto que as obras de Carlo Ginzburg, Margaret Murray, Norman Cohn, Francisco Bethencourt e Carlos Roberto F. Nogueira, fornecem importantes painéis interpretativos, tanto sobre a questão da Inquisição quanto ao problema da bruxaria enquanto temas da história social e religiosa aqui tratadas.

Para Margaret Murray (2003), as descrições dos *sabás* contidas nos processos de bruxaria não seriam mentiras extorquidas por juízes e inquisidores através de torturas e coerções, mas descrições precisas de ritos e fatos ocorridos, para Murray a bruxaria seria uma forma de resistência do paganismo em meio ao cristianismo medieval. De acordo com autora a própria compatibilidade das confissões demonstrava a existência de um grupo bem estruturado e coeso. Os argumentos da autora pressupõem que “bruxaria” seria um termo inquisitorial adotado para caracterizar o mais antigo culto à fertilidade e à natureza, que inicialmente nada tinha de oposição ao Cristianismo, mas que se transformou num culto clandestino e de resistência frente à perseguição empreendida pela Igreja. Hoje, a tese de Murray é alvo de severa desaprovação no cenário acadêmico. Creemos que o ponto sobre o qual recaem as maiores críticas à Murray esteja em sua afirmação da real existência de uma seita de bruxas estabelecida e organizada, devemos, contudo, levar em consideração que a autora é uma folclorista e não historiadora por formação. Porém, não a excluímos por completo de nosso trabalho, na medida em que partilhamos de alguns de seus argumentos acerca da permanência de tradições ancestrais no seio da Cristandade. O mais provável seria considerar que essa continuidade de crenças e práticas pagãs limitou-se, quase que exclusivamente, ao âmbito doméstico e rural das populações incultas.

No trabalho de Francisco Bethencourt, *O Imaginário da Magia*, o autor retrata a mentalidade da população portuguesa no século XVI, e nos permite observar certas

peculiaridades intrínsecas ao cotidiano popular. Também de Francisco Bithencourt é a obra: *História das Inquisições: Portugal, Espanha e Itália. Séculos XV-XIX* que, no amplo painel das inquisições nos países que intitulam a obra, permite-nos relacionar processos sociais específicos com questões intelectuais relevantes sobre a forma como se percebia a mulher e seus significados relacionados à magia e ao diabólico no universo ibérico, demarcando as diferenças para o problema na Inglaterra e na França. Esta afirmação é ratificada ao percebermos que a inquisição espanhola, em especial, expandiu seus Autos de Fé para além mar, exportando seus modelos inquisitoriais para a América hispânica. Segundo o autor, a Espanha terá sua inquisição datada de 1478 a 1834 e este é um dos maiores exemplos da magnitude que se pode conferir às práticas inquisitoriais no continente europeu, sem, no entanto, reduzir o papel desenvolvido pelos tribunais de Portugal e Itália. Não cabe aqui concordar ou discordar dos Autos de Fé, das etiquetas e dos ritos pertinentes a este mundo, mas sim compreender a forma como se classificava uma bruxa, e perceber o que era a mulher para aquela sociedade.

Outro autor importante na elaboração deste trabalho é Carlo Ginzburg, que detém uma produção intelectual extremamente vasta. Elaborada no decorrer de mais de meio século, ela abrange uma variedade temporal que vai da história medieval à história moderna, da história da arte às preocupações com as condições do conhecimento histórico. Neste assunto, aliás, envolveu-se em calorosos e polêmicos debates em torno dos limites da disciplina enquanto ciência, marcando momentos significativos da historiografia contemporânea. Para abordar um autor tão multifacetado e profícuo, neste trabalho nos propomos a estabelecer um corte transversal em sua produção, tomando como objeto as reflexões sobre feitiçaria e a cultura popular.

Em seu primeiro artigo “*Feitiçaria e piedade popular*”, publicado em 1961, no qual se atentava à feitiçaria em períodos anteriores à época moderna como uma possível “luta de classe”, até *Os andarilhos do bem* (1966) o autor compreende a bruxaria como um embate cultural. Ginzburg dava continuidade às suas pesquisas em torno dos registros da Santa Inquisição quando nos arquivos de Veneza encontrou grande parte da documentação do Tribunal do Santo Ofício referente à região do Friuli, abarcando um século e meio, do XVI a meados do XVII. Nela se deparou com o processo do pastor de Latisana, Menochino della Nota, que declarava ser benandante. Os benandanti eram homens do campo envolvidos em uma guerra espiritual contra um grupo adversário que consideravam feiticeiros. Segundo os relatos, saíam em espírito quatro noites por ano, para combater em nome das colheitas: se

vencessem, haveria abundância; caso os feiticeiros ganhassem, o ano seria de escassez. Segundo as declarações, homens e mulheres que nascerem “empelcados” (crianças que nascem envoltas pela bolsa e pelo líquido amniótico), munidos com seus ramos de erva-doce, saíam durante quatro noites no ano, em espírito e sob a forma de animais, para combater um exército de feiticeiros e bruxas, munidos com seus ramos de sorgo, em favor da sorte da colheita. Para o historiador, a crença dos andarilhos seria parte de um culto agrário com características específicas, ligado a estratos culturais muito antigos:

Os combates entre benandanti e bruxas são um embate com resultado incerto entre prosperidade e penúria, uma luta verdadeira, ainda que conduzida segundo um ritual preciso. Aqui a oposição entre velha e nova estação é vivida dramaticamente, como uma contenta que decide a própria sobrevivência material da comunidade (...). a esse rito agrário, aparentemente acabado, autosuficiente nas suas motivações internas, sobrepõe-se, nas confissões desses benandanti, um complexo cultural de origem bem diversa (GINZBURG, 2010:48)

A proposta seria pensar a abordagem dos processos contra os andarilhos numa perspectiva de confronto cultural, sob a qual suas crenças passam a ser gradativamente enquadradas nos discursos e convicções dos juízes. Dentro dessa concepção é que Ginzburg considera a formação do sabá demoníaco, que seria uma construção dos inquisidores que usurparam as crenças dos camponeses dos arredores de Friul, transformados em bruxos. Uma das premissas principais do livro era que no “decorrer de um século e meio, os benandanti se tornam (...) feiticeiros; e suas reuniões noturnas (...) transformam-se no sabá diabólico”, afirmando com “segurança que a bruxaria diabólica se difundiu como deformação de um culto agrário anterior”. (GINZBURG, 2010:12).

Em *História Noturna* o autor Ginzburg, através de testemunhos fragmentados, analisa os principais relatos a respeito da questão da bruxaria, levando em conta suas particularidades e não deixando de apontar rastros de semelhança entre determinadas culturas. Afim de responder a existência, ainda hoje, de estruturas pertinentes ao sabá, que sobreviveram mesmo após este ter sido dissolvido, Ginzburg observa ser necessária uma viagem ao mundo dos mortos, viagem esta cheia de folclore e rituais.

Diante do que já foi dito podemos afirmar, em concordância com Ginzburg, que no âmbito da criminalização da feitiçaria encontra-se um conflito cultural religioso entre as crenças cristãs e pagãs; um verdadeiro conflito entre cultura popular e cultura erudita no âmbito da perseguição.

Já Norman Cohn, argumenta que toda a barbárie empregada na caça as bruxas surgiu do imaginário eclesiástico na tentativa de combater opositores e dissidentes do Cristianismo. Em seu livro *Los Demonios Familiares de Europa*, Cohn (1997) sugere que a bruxaria diabólica constituiu uma construção clerical no conflito de opositores e dissidentes do Cristianismo. Seus argumentos sugerem que a caracterização do maligno e insídio imposta à bruxa ao fim do período medieval e princípio da modernidade, consistia em um conjunto de elementos de diversas origens, derivados de uma representação presente desde a Antiguidade, cujas acusações foram direcionadas às minorias ao longo da história: cristãos, hereges, judeus, templários e, por fim, às bruxas. Segundo essa concepção presente na tradição literária e nos escritos dos teólogos e padres da Igreja, toda a gama de acusações às quais estes supostos inimigos da fé estavam submetidos compreendia nada mais do que uma construção intelectual concebida pelos clérigos e bem direcionada, que preconizava o expurgo dos resquícios das tradições populares, paganistas e dos movimentos heréticos.

No âmbito nacional dispomos da produção acadêmica e historiográfica de Carlos Roberto Figueiredo Nogueira, que consideramos a obra que mais se aproxima da proposta desta pesquisa, sendo suas investigações voltadas para as práticas mágicas no ocidente cristão. Em sua obra: *Bruxaria e História (2004)*, Nogueira nos propõe uma elucidação geral para a bruxaria como um acontecimento agrário e coletivo. Segundo o autor, fragmentos do paganismo permaneceram junto ao Cristianismo mesclados sob formas sincréticas em que deuses eram convertidos em santos, enquanto os elementos impassíveis dessa assimilação eram transferidos à esfera do maligno.

Em *O Nascimento da Bruxaria (1995)*, o autor defende que a cristianização cultural europeia ocasionou a estruturação de um método de conteúdos simbólico que associavam realidade e imaginário, no qual podemos observar mudanças significativas de representação. No cerne da sociedade medieval, o eterno embate maniqueísta “transborda a esfera do sagrado para pautar condutas e comportamentos cotidianos, servindo de explicação para a realidade e as desventuras vividas, para explicar impulsos incontroláveis da carne, e para ensinar à boa coletividade, ‘ao rebanho dos fiéis’, onde se encontram Satã e seus agentes” (NOGUEIRA, 1995, p. 11). Assim nasceu a bruxaria demonizada ao fim do medieval e princípio da modernidade. O autor assenta sua origem em três fatores principais: na elaboração da demonologia pela intelectualidade clerical, na demonização da mulher, e no terror escatológico que prevalecia na época. Nas considerações do autor, a conjuntura medieval foi marcada por um duplo papel exercido pelas supostas “agentes do Diabo”.

Bruxas e feiticeiras constituíram-se nas intermediárias necessárias entre a realidade e a possibilidade, fornecendo os meios mágicos do entendimento ou da superação da existência mundana a uma coletividade que as teme, mas não pode prescindir delas. Aceitas e rejeitadas, a sociedade as acolheu, na razão direta de seus sucessos ou desventuras, projetando nestas as responsabilidades das desgraças comunitárias, em uma tentativa de expiação da própria incapacidade de superação da contradição vivida. (NOGUEIRA, 1991, p. 24).

Nogueira dá ênfase, em sua produção, à depreciação da figura feminina e suas relações com a prática de uma bruxaria demonizada. Para ele, a misoginia presente no medievo seria um resquício da Antiguidade Clássica e dos escritos dos padres e doutores da Igreja, que se esforçaram em demasia, por descrever a mulher como símbolo do pecado e da perdição. Maligna em sua essência, de natureza ímpia, tornava-se assim, presa fácil e fatal do Diabo. Temia-se a mulher, pois temia-se a sexualidade. Principalmente na Igreja pós-tridentina (DELUMEAU, 1996, 329). Dessa maneira as autoridades eclesásticas difundiram o pânico e o medo da mulher. No entanto vale lembrar que uma visita canônica que ocorreu à Baviera na época do Concílio de Trento, “revelou que ali apenas 3 ou 4% dos padres não viviam em concubinato...” (DELUMEAU, 1996, 329).

Temos diante de nós uma comunidade religiosa predominantemente masculina que queria manter seus privilégios e prestígio a qualquer preço, a saída foi introduzir Satã como o tentador, culpado de todos os deslizes dos “santos padres”, tendo sempre o auxílio de sua principal aliada, não menos demoníaca e tentadora: a mulher. “O padre é um ser constantemente em perigo e seu grande inimigo é a mulher.” (DELUMEAU, 1996, 329). Barromeu em sua *Instruções aos Confessores* advertia que os padres com menos de trinta anos nunca deveriam confessar mulheres, “salvo por ordem expressa de um superior e que essas mulheres estivessem vestidas de maneira pudica e resguardada, com rosto sempre coberto.” (DELUMEAU, 1996, 330).

Voltamos a Carlo Ginzburg por acreditarmos que ele seja o criador da teoria que mais nos identificamos para produção do presente trabalho. O autor defende a tese de que o processo de caça às bruxas, empreendido pela Inquisição, termina por fabricar a própria bruxaria. Teólogos e inquisidores através da difusão de esquemas de interpretação acerca das superstições e crenças populares, veiculados em sermões, tratados e imagens, teriam elaborado a imagem da feitiçaria diabólica. Ginzburg trata, enfim, de como estes textos diabolizaram aquilo que não entendiam, que não conheciam: as formas de pensar, de conceber e explicar o mundo das camadas populares, seus cultos e rituais, que eram interpretados como demonstração de barbárie e de irracionalismo. As confissões das bruxas eram consideradas

fantasias absurdas e eram arrancadas com ferocidade e superstição pelos juízes, que no curso dos processos, através da tortura e de “interrogatório sugestivos” modelavam através de seus esquemas de interpretação a fala dos inquiridos, para ver reafirmada, ao final da investigação, a tese, a ideia que já tinham desde o início do procedimento investigatório. O conceito prévio de bruxaria ou de feitiçaria diabólica terminava por dar sentido a toda fala e a toda prática religiosa popular que escapava da obediência aos códigos da cultura letrada e da Igreja Católica. A bruxaria foi tanto um imaginário criado pelos inquisidores, intelectuais e religiosos, como um reflexo de crenças, mitos e folclores populares ressignificados pelos valores sociais da Idade Média.

## 1. PROCESSO E ESTIGMATIZAÇÃO DA BRUXARIA COMO HERESIA E O DISCURSO RELIGIOSO SEGUNDO: O IMAGINÁRIO CRISTÃO DO MEDIEVO

De acordo com Jacques Le Goff (2005, p. 14) o cristianismo funcionou, para o conjunto da Idade Média, em dois níveis: como ideologia dominante, com apoio de um poder temporal que não pode ser negligenciado, e como religião de fato. Neste último período da Idade Média, que compreende o século XV, a Igreja pode visualizar em importantes aspectos a contestação ao seu papel ideológico, levando a um endurecimento do discurso e da prática coercitiva na Inquisição, na caça às bruxas e no que o autor chama de um “cristianismo do medo”. Inserida nesse contexto, é clara a homogeneidade do discurso defendido pela Igreja ao longo de todo o ocidente europeu contra a heresia e, sobretudo, abruzaria.

Para a Europa Ocidental como um todo, o século XIV foi um período de crise intensa, marcado pela fome gerada pela escassez de alimentos, a erupção de conflitos rurais e urbanos e, sobretudo, os intensos surtos de Peste Negra que se repetiram desde 1348 e foram responsáveis pela morte de muitas pessoas nas inúmeras comunidades por onde a doença avançou. Por sua vez, a crise moral da Igreja e os conflitos e disputas advindos do episódio do Cisma Papal<sup>1</sup> ocorrido no mesmo século, contribuíram para criar um clima geral de pânico e para a instalação de mecanismos de coerção mais incisivos. O discurso da Igreja recrudescer, afirmando com severidade crescente o poder do diabo e seu objetivo maligno de destruir a cristandade, ao mesmo tempo em que as práticas de coerção ganharam contornos cada vez mais violentos com a Inquisição e a utilização frequente da tortura nos interrogatórios.

As consequências desse momento histórico foram muitas e graves para os homens do medievo: instalou-se um medo escatológico generalizado da iradivina que parecia se abater, na visão da época, sobre aqueles que se colocavam em desobediência aos princípios da fé (DELUMEAU, 1996, p. 108). A continuidade e expansão do “medo” e as tentativas de retomada da ordem pelo cristianismo culminaram, no século XV, na elaboração de documentos oficiais contrários a toda forma de heresia.

Surgiram nesse momento diversos tratados demonológicos que incitavam à repressão (DELUMEAU, 1996, p.352). Precedente ao *Malleus* temos dois célebres: o

---

<sup>1</sup>CismaPapalfoi o evento que causou a ruptura da Igreja, separando-a em duas: Igreja Católica Apostólica Romana e Igreja Católica Apostólica Ortodoxa, a partir do ano 1054, quando os líderes da Igreja de Constantinopla e da Igreja de Roma excomungaram-se mutuamente.



*Directorium Inquisitorium* publicado em 1376 (traduzido para o português como *Manual dos Inquisidores*) de Nicoulau Eymerich, ex inquisidor geral de Aragão e o *Formicarius* (*O Formigueiro*) 1435-1437, de autoria do prior dominicano Jean Nider. O *Formicarius* foi o primeiro tratado demonológico a conferir as mulheres os atributos de feiticeiras, tema que cerca de 50 anos mais tarde é retomado pelo *Malleus* com uma sanha estarrecedora e leva o tema à exaustão.

A perseguição recaiu especialmente sobre a prática da magia e sua conseqüente subsidiária, a bruxaria, que passou a ser representada como seita de largo alcance, sobretudo entre mulheres, adeptas do pacto com o demônio, que atormentava a cristandade de então. O arrefecimento da peste e o restabelecimento da unidade papal não significaram o fim das preocupações clericais com o diabo. É nesse cenário que os monges dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger escreveram e publicaram, em 1484, o documento de nome "*Malleus Maleficarum*", traduzido para o português como "*O Martelo das Feiticeiras*" (2004).

A publicação do *Malleus Maleficarium* deu-se em seguida à emissão da Bula de Inocêncio VIII, "*Summis Desiderantes Affectibus*" em 1484, considerado o principal documento papal a respeito da bruxaria até então. A importância histórica desta bula é que através dela a Igreja reconheceu a existência das bruxas, e da bruxaria, deste modo autorizou as perseguições que se seguiram, não só na Alemanha, mas em todos os outros países em que a Igreja tinha influência. Nela, a bruxaria é vista como prática a ser combatida com vigor pela Igreja e apontada como a causa maior de muitos dos males que se abatiam sobre as comunidades cristãs. No documento papal, Kramer, autor principal do *Malleus*, e Sprenger, apontado como seu colaborador, são lembrados como "queridos filhos" aos quais foi delegada a missão de livrar várias regiões da Alemanha da "maior depravação herética da humanidade, a bruxaria" (KRAMER; SPRENGER, 2004, p. 44).

Enquanto inquisidores ativos na região da atual Alemanha, os autores gozavam de importante notoriedade junto à cúpula da Igreja. Kramer já havia participado de uma série de julgamentos de bruxaria quando da publicação do manual, que funcionou como livro de cabeceira dos juizes seculares e da Inquisição Católica. Consultado e utilizado também por líderes protestantes, após a Reforma, a obra permaneceu em voga por mais dois séculos depois de sua primeira edição (JÚNIOR et. al., 2007, p. 241). Embora a anexação oficial ao *Index Librorum Prohibitorum* (Lista de Livros Proibidos) tenha ocorrido no mesmo século de sua publicação, tal fato não prejudicou a popularidade da obra. Além disso, o manual foi frequentemente citado em atas de julgamentos de bruxas nas regiões da Alemanha, Grã-

Bretanha, Península Itálica, Reinos Germânicos e Península Ibérica ao longo dos séculos XV, XVI e XVII. Muitas das edições mais famosas do *Malleus* trazem anexadas, no início do texto, a íntegra da *Summis Desiderantes* papal, como forma de salientar a credibilidade do documento, ainda que o mesmo constasse na lista de leituras proibidas da Igreja.

O crescimento do medo corresponde ao crescimento do poder simbólico da Igreja, que constrói a imagem do Maligno e da Feiticeira num combate acirrado aos resquícios do paganismo demonizado. Em um período em que a Igreja e o Estado caminhavam juntos, este se utilizou tanto do poder temporal como do religioso, empregando a linguagem da Igreja. Os eclesiásticos forneceram a ideologia e o poder civil estabeleceu as armas de repressão, dessa forma, o *Malleus* tornou-se o principal instrumento para a condenação de mulheres acusadas de bruxaria. A ampla difusão da obra é registrada nos seguintes números por Robert Muchembled:

“Segundo um recenseamento feito com base em grandes catálogos de bibliotecas, a obra teve pelo menos 15 edições até 1520, quase todas nas cidades do Reno ou em Nuremberg, salvo duas em Paris, em 1497 e 1517, e em Lyon, em 1519. Se calcularmos a uma tiragem média de 1.000 a 1.500 exemplares por edição, isso significa que mais de 20.000 exemplares do livro puderam circular antes da Reforma, alguns milhares dos quais na França, o resto no Santo Império. O tratado passou abruptamente de moda entre 1520 e 1574, depois experimentou uma segunda vida, com 19 outras edições conhecidas, das quais três em Veneza, de 1574 a 1579, e dez em Lyon, entre 1584 e 1699.” (1985, p. 288-306 *apud* LIEBEL, 2004, p. 27).

O *Malleus Maleficarum* compõe-se, principalmente, como um manual acerca dos perigos da bruxaria, os poderes sobrenaturais da mesma e as práticas inquisitivas e de tortura necessárias para desmascará-la e combatê-la. Salta aos olhos, no entanto, uma característica profundamente marcante do documento: o caráter misógino e sexista do discurso adotado, dado que toda a obra é permeada de referências fortes sobre a natureza torpe do caráter feminino e sua ligação com o mal.

O manual encontra-se dividido em três partes que conta com argumentações e questões a esclarecer, identificando as bruxas e sua magia, embora, todas as argumentações fossem baseadas em hipóteses elas se mesclam com outras obras já produzidas sob a mesma temática, sobretudo como o *Formicarius*. Sua divisão compõe neste contexto e sequência: Primeira Parte: *Das Três Condições Necessárias para Bruxaria: O Diabo, A Bruxa e a Permissão de Deus Todo-Poderoso*: nesta argumentação tentava provar que a bruxaria existia e esclarece como o demônio aproveita do corpo feminino, Íncubos, e em alguns casos, do corpo masculino, Súcubos, “que na verdade é o demônio chamado” (KRAMER, SPRENGER, 2004, p. 83), por estes nomes (Íncubos e Súcubos), “pois o demônio é Súcubo para o homem

e se torna Íncubo para a mulher” (KRAMER, SPRENGER, 2004, p.85). Esta parte é dividida por questões, que explicam como as mulheres, por seu suposto ‘intelecto inferior’ são por natureza tentadas e persuadidas pelos demônios mais do que os homens.

A Segunda Parte: *Dos Métodos Pelos Quais Se Infligem os Malefícios e de Que Modo Podem Ser Curados*: descreve as formas que as bruxas utilizam para encontrar o demônio. Identificando como se tornar imune aos atentados da bruxa, com remédios preventivos e curativos, também, sobressai às maneiras como se dá o pacto com o demônio e exorta pessoas inocentes à iniciarem na magia.

Na terceira Parte, *Que Trata das Medidas Judiciais no Tribunal Eclesiástico e no Civil a Serem Tomadas Contra as Bruxas e Também Contra Todos os Hereges; Que Contém XXXV Questões Onde são Clarissimamente Definidas as Normas Para a Instauração dos Processos e Onde São Explicados os Modos Pelos Quais Devem Ser Conduzidos, e os Métodos para Lavrar as Sentenças*, o manual explicita os métodos para julgaras sentenciadas, assim como as precauções que os juízes devem tomar para não serem enfeitiçados pelas bruxas “com a permissão de Deus, e com auxílio do demônio.” (KRAMER, SPRENGER, 2004, p.436). “Que os juízes não desconsiderem tais precauções e proteções, pois, se não as levarem na devida conta depois dessa advertência correm o risco da danação eterna.”(KRAMER, SPRENGER, 2004, p.436). Entre as orientações estão: “não se deixar tocar fisicamente pela bruxa”, “conjurá-las para que derramem lágrimas verdadeiras se forem inocentes”, “rasparem todos os pelos e cabelos dos corpos das acusadas”.(KRAMER, SPRENGER, 2004, p.435-436).

As inquirições e métodos investigativos eram uma armadilha de mentes ensandecidas e doentes, que não deixavam qualquer possibilidade de defesa para as vítimas, exemplo claro são “os quatro meios possíveis para se condenar uma prisioneira: pelo depoimento de testemunhas no tribunal, pela evidência dos fatos, em virtude de prévias condenações, ora ainda em virtude de grave suspeita.”(KRAMER, SPRENGER, 2004, p.451). Ou seja, o que o tribunal decidisse era o que valia, fosse por impressões dos juízes ou por testemunhos que podiam ser movidos por qualquer conflito anterior da vítima com acusador, bastava uma palavra e a aceitação do tribunal para uma condenação.

O documento de Kramer e Sprenger pode ser considerado o arranjo final e o ponto de culminância de uma série de elementos de caráter simbólico que gradualmente impregnavam o imaginário do medievo. A mais completa versão a respeito da bruxaria e seus crimes de que a História tem conhecimento é sem dúvida o *Malleuse* sua lista sumária de acusações contra a

mulher, seu lançamento, ousamos dizer, pode ser considerado a pedra fundamental do que ficou conhecido como “caça às bruxas”. As representações da bruxaria presentes no documento encerram-se na junção de importantes fatores, quais sejam: o já comentado horror instalado pela ameaça do diabo em um momento de transformações sociais tidas como presságio de um apocalipse eminente, aliada ao desenvolvimento de um discurso demonológico, pelo clero, como tentativa de proteger a cristandade e garantir a manutenção da ordem em um mundo de instabilidades políticas, econômicas e sociais.

O *Malleus Maleficarum* tem como ideia norteadora, diagnosticar o ator desestabilizador da ordem litúrgica católica e inquiri-lo a fim de depurar o *maleficium* (mal) que nele se acomodara. É neste sentido que encontravam nas bruxas e/ou feiticeiras as verdadeiras deturpadoras da estrutura social. Entretanto, é importante ressaltar que a mentalidade desta sociedade é herança de uma perspectiva patriarcal.

Ao longo de todo o livro notamos o esforço dos autores em inferiorizar a mulher, esse discurso não é uma singularidade da obra, a ideia corrente da época era a mulher como um macho deficiente, castrado por natureza. “A mulher foi criada mais imperfeita que o homem, mesmo quanto à sua alma, e que deve obedecer-lhe” (DELUMEAU, 2005, p.317). Francesco Petrarca ratifica bem o paradoxo comum à época em que se exalta o amor cortês e platônico e se é hostil, rude e indelicado com a mulher do mundo real:

“A mulher [...] é um verdadeiro diabo, inimiga da paz, uma fonte de impaciência, uma ocasião de disputas das quais o homem deve manter-se afastado se quer gozar a tranquilidade [...] Que se casem aqueles que encontram atrativo na companhia de uma esposa, nos abraços noturnos, nos ganidos das crianças e nos tormentos da insônia [...]. Por nós, se está em nosso poder, perpetuaremos nosso nome pelo talento e não pelo casamento, por livros e não por filhos, com o concurso da virtude e não com o de uma mulher”. (DELUMEAU, 2005, p.319)

Influenciados pela visão aristotélica do feminino, a qual fazem questão de aludir, os autores sustentam que os demônios, em ação individual, são capazes de causar tormentos aos homens, dada a natureza maléfica de suas ações. Entretanto, visando a perdição das almas e a mácula da fé, o diabo age em auxílio especial das mulheres, daquelas que em sua fraqueza recorrem a ele, possuindo sua alma e impossibilitando sua salvação. A bruxa, em sua fraqueza e pendor natural ao mal e ao engano, faz-se instrumento do diabo a partir do momento em que cede às suas tentações, causando toda sorte de malefícios ao seu redor.

E pode-se dizer que o demônio se utiliza das bruxas, não porque precisa de semelhantes agentes, mas porque visa a sua perdição. Podemos reportar-

nosao que declara Aristóteles no terceiro livro de sua *Ética*. O mal é um ato voluntário comprovado pelo fato de que ninguém o pratica pelo simples prazer de o praticar; um homem que pratica o estupro o faz por prazer, mas não pelo simples prazer de o praticar. Contudo, a lei pune os que praticam o mal como se tivessem praticado pela simples vontade de assim proceder. Assim, se o demônio age por meio de uma bruxa, está simplesmente a utilizá-la como instrumento (KRAMER, SPRENGER, 2004, p.64).

As mulheres são concebidas como poderosas e merecedoras de temor. Seu olhar possui efeitos extraordinários, e suas palavras, quando proferidas intencionalmente, podem produzir efeitos sobrenaturais prodigiosos. São descritas mulheres capazes de percorrer grandes distâncias em poucos instantes, ouvir e conversar com demônios, transformar-se em animais e seduzir a todos ao seu redor com disfunções da sexualidade masculina, doenças, subtração do pênis, morte de animais, problemas nas colheitas, tempestades e infortúnios dos mais variados tipos:

E o que se há de pensar das bruxas que, vez por outra, reúnem membros masculinos em grande número, num total de vinte ou trinta e os colocam em ninhos de pássaros ou em caixas, onde se movem como se estivessem vivos e comem grãos de aveia e de trigo? (...) Pois se um certo homem contou-nos que, quando perdeu o seu membro, aproximou-se de uma conhecida bruxa e pediu-lhe que o restituísse a mulher disse-lhe então para que subisse numa determinada árvore e que, no ninho que lá se encontrava, escolhesse encantamentos mágicos. Ademais, naturalmente propensas à maldade e especialmente escolhidas pelo diabo como suas parceiras, as mulheres entregues à prática da bruxaria poderiam lançar toda a sorte de enfermidades sobre seus inimigos, especialmente os adeptos da fé cristã. Quase tudo poderia ser imputado à bruxa: partos prematuros, o membro que mais lhe agradasse dentre os muitos que havia. E, quando ele tentou pegar um bem grande, a bruxa disse: "Não deves pegar esse aí, porque era de um pároco". (KRAMER; SPRENGER, 2004, p. 252).

No ano de 2000 foi descoberto um mural de banho público na cidade italiana de Massa Marítima, datado do século XIII d.c. (estima-se que seja de 1265). O mesmo contém uma representação de uma árvore repleta de falos, logo acima um grupo de oito mulheres. Segundo o historiador Gerorge Ferzoco (SMITH, 2009) o mural representa uma cena de fertilidade, onde essas mulheres seriam feiticeiras, mais tarde consideradas bruxas com o respaldo do *Malleus Maleficarium*.



Figura 1: Árvore de falos. Mural em casa de banho na cidade de Massa Marítima, Itália.  
Autordesconhecido. <sup>2</sup>

---

<sup>2</sup>AffrescodellaFecondità (fonte pública). Disponível em:  
<[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Massa\\_marittima,\\_fonte\\_e\\_palazzo\\_dell%27abbondanza,\\_albero\\_della\\_fecondità,\\_1265\\_circa\\_03.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Massa_marittima,_fonte_e_palazzo_dell%27abbondanza,_albero_della_fecondità,_1265_circa_03.JPG)>. Acesso em: 02/06/2018.

Em detalhe:



## 2. O IMAGINÁRIO SABÁTICO E OS PODERES DEMONÍACOS CONFERIDOS ÀS BRUXAS POR SATÃ.

A primeira e mais importante característica capaz de conferir poder à mulher que se entrega à bruxaria é a cópula com o diabo. Satã é o grande governante do prazer, mecanismo primordial da tentação. Após a cópula com o demônio as bruxas tornam-se capazes de promover todos os tipos de males e são dotadas de grandes poderes sobrenaturais. “A bruxaria nasceu da ligação da humanidade com o demônio através da fornicação” (KRAMER; SPRENGER, 2004, p.84).

Para Kramer e Sprenger, os pecados das bruxas são os maishediondos cometidos sobre a Terra, constituindo-se crime imperdoável sobre o qual se justifica a tortura e que só pode ser resgatado com a morte. Todo o discurso narrativo do *Malleus* gravita em torno da naturalização da inferioridade da mulher. Superioridade e inferioridade podem ser percebidos ao longo de toda a obra. Tal visão possui como base as caracterizações correntes sobre o feminino na Idade Média. Ao longo de todo o período medieval, a teologia cristã e o pensamento laico imputaram à figura feminina as características de carnalidade e propensão ao mal. Herdeira de Eva e portadora do estigma do pecado original, a mulher no medievo deveria, segundo o pensamento mais corrente, ser controlada por um homem capaz de mantê-la fiel à fé cristã e aos princípios da pureza e obediência. Assim sendo, o *Malleus Maleficarum* apresenta-se como ápice desse discurso, levado ao extremo por seus autores, reflexo da influência dos mecanismos e instrumentos sociais que pautavam as relações de gênero no período.

As ameaças aos quais os homens do século XV estavam sujeitos parecem ter contribuído em muito para o alargamento da perseguição que culminou na “grande caça às bruxas” dos séculos XV e XVI. O medo generalizado da peste, a fome em processo de alastramento, os conflitos violentos e numerosos e a crise no seio da ordem moral e institucional da Igreja criaram as bases de desenvolvimento de novos mecanismos de construção do pensamento do homem medieval sobre o mundo, sobre si mesmo e sobre a fé. Uma visão temerária do fim dos tempos tomou conta da cristandade leiga e eclesiástica, fazendo ecoar um discurso denso. Por conseguinte, o pensamento cristão voltou-se então para a busca pelos culpados do mal que se alastrava e, nesse sentido, esbarrou na magia enquanto elemento de manifestação do sobrenatural.



Ao lado dos princípios da demonologia desenvolvidos pelos teólogos do clero ao longo da Idade Média, foi atribuído à magia o elemento de culto ao demônio e suas companheiras preferenciais, as mulheres, passaram a ser vistas como suas maiores aliadas. Estas mesmas mulheres compunham, desde o princípio da Idade Média, um arcabouço interpretativo negativo, pejorativo, curvo como o osso de Adão do qual Eva foi criada, portanto as mulheres jamais teriam uma conduta “reta”. Entretanto, no século XV esse discurso misógino elevou-se a seu tom máximo no *Malleus Maleficarum*, e a natureza feminina passou de imoderada à predestinada ao mal, na mesma medida em que o diabo ganhava cada vez mais destaque no pensamento humano. Ainda que as acusadas possuíssem perfis diversificados, um aspecto da grande perseguição à bruxaria nos fins da Idade Média é inegável: o discurso e a esmagadora maioria das acusações voltaram-se essencialmente contra as mulheres.

Cunhada dentro do cristianismo, a figura das bruxas traduzia-se em mulheres devoradoras e perversas que matavam recém-nascidos, comiam carne humana, participavam de orgias, transformavam-se em animais, tinham relações íntimas com demônios e entregavam sua alma ao diabo. Uma análise da farta literatura sobre o assunto nos mostra que a caracterização da bruxa que vigorou durante a Inquisição, ressoando até os dias de hoje, constitui-se como um dos elementos mais perversos produzidos na sociedade patriarcal do Ocidente. Atribuíam-lhe tantas coisas ruins que o *Malleus Maleficarum* afirma que “seus atos são mais malignos que os de quaisquer outros malfeitores” (KRAMER; SPRENGER, 2004, p.67).

Mulher fatal, mortífera, causa de perdição, a bruxa advém das antigas deusas, da Lilith hebraica, dos ritos dionisíacos e dos bacanais. Aparece no Apocalipse como a grande meretriz “com a qual se contaminaram os reis da terra e que inebriou os habitantes da terra com o vinho de sua luxúria”. (BÍBLIA SAGRADA, Apocalipse, Cap.22, vers.17,1.). A toda adornada prostituta da Babilônia montada em uma fera escarlate, aquela que “se assenta sobre muitas águas” (BÍBLIA SAGRADA, Apocalipse, Cap.22, vers.17,3.) cujo destino o profeta anuncia: vão despojar seus adornos, desnudar seu corpo, comer suas carnes e queimá-la no fogo. Torturadas, todas as acusadas de bruxaria confessavam terem mantido relações sexuais com o demônio.

O *Malleus Maleficarum* explica que a “natureza” dessas relações não era necessariamente carnal, visto que os demônios eram espíritos e que mesmo os corpos daquelas que estivessem aparentemente dormindo em sua cama, ao lado dos maridos, participavam dos sabás. Rituais de sexo e luxúria, os sabás eram tidos como odes a Satã,

festas macabras nas quais se comia carne de recém-nascidos, entrava-se em transe e após danças frenéticas as bruxas copulavam com o diabo. Foram descritos como missas negras, nas quais os adeptos renegavam a fé cristã por meio do que a Inquisição supunha ser um arremedo das práticas católicas. A diferença entre a missa negra, de elementos alusivamente anti-cristãos, e o sabá termo que aparece no final da Idade Média para aludir festividades não-cristãs, nas quais práticas da velha religiosidade camponesa, com resquícios do paganismo, ainda vigoravam. O termo é oriundo dos *sabatdos* judeus, que também eram tidos como proscritos. Tanto em um como no outro ritual, o corpo ganha uma evidência bem maior do que na convencional missa cristã: os feiticeiros vão nus para o sabá e usam o corpo para dançar, comer e fazer sexo e, por sua vez, a maior parte das missas negras usam o corpo nu de mulheres, mais especificamente o ventre, como altar.

Os processos de bruxaria tinham um considerável enfoque nos corpos das bruxas: elas eram desnudadas à procura de um sinal que as pudesse recriminar. Procurando essa marca, “a marca da bruxa” e/ou a “marca do diabo”, seus pêlos eram raspados e todo seu corpo examinado e perscrutado. Agulhas eram fincadas em sua carne a fim de detectar um ponto diabólico insensível. A maior parte das confissões era obtida depois de muitas sessões nas quais eram lhes imputados flagelos. Em máquinas como “a dama de ferro” e os “potros”, ou nas torturas sobre a água, no aquecimento dos pés e na introdução de ferro sob as unhas, a ré passava por tantos suplícios que acabava por admitir as sentenças elaboradas pelo inquisidor. “Com a tortura, pode-se fazer confessar tudo”, comenta Jean Delumeau em sua *História do medo no Ocidente* (1996, p. 381). A fome e privação de sono às quais eram submetidos os acusados de feitiçaria também rompiam qualquer resistência a ponto de admitirem todas as atrocidades que lhes eram atribuídas.

Na maior parte das vezes as bruxas eram condenadas à morte, mas não bastava enterrá-las, pois se acreditava que tinham a capacidade de emergir de dentro das sepulturas. Por isso era necessário queimar seus corpos e lançar suas cinzas ao vento, para que, através das artes diabólicas, seu corpo não fosse capaz de se reconstituir. Ao se queimar o corpo de uma bruxa evita-se assim que o sangue dela se torne hereditário, o que o enforcamento não faz” (THOMAS, 1991, p. 376). Há vários casos em que as filhas eram acusadas e queimadas tais quais suas mães, pois se acreditava que, desde muito cedo, além de serem oferecidas ao demônio, todas as filhas de bruxas eram iniciadas por suas mães nas artes da feitiçaria. Não podemos dizer que as pobres acusadas dos séculos XV e XVII foram efetivamente uma ameaça para o clero vigente, mas a condenação de heresias que incentivou os processos contra

bruxaria implicava a afirmação do poderio religioso, ideologicamente teocentrista, como resposta à redescoberta do humanismo greco-romano e da Reforma.

A grande crise do século XIV aliada à extinção do feudalismo e o desenvolvimento dos centros urbanos, produziu histórias sobre bruxas que comem pessoas desenterradas e se alimentam de carne podre. Em sua pesquisa sobre missas negras, Pierre Töpffer assinala que “a miséria deve ter engendrado muitos excessos rapidamente identificados com práticas feiticeiras” (TÖPFFER, 1980, p. 43). Encontramos a frequente imagem do caldeirão da bruxa e seu conteúdo repugnante, que se acreditava ser sopa de criancinhas assassinadas. No estudo de Fernando Del Oso, essas poções diabólicas são descritas como possuidoras de sabor hediondo, contendo ingredientes excêntricos, tais como asas de morcego, que estavam associados ao poder de voar (OSO, 1995, p. 162). O conteúdo do caldeirão era servido nos encontros de bruxas ou usado nos preparativos para os festins. Acreditava-se que através dos unguentos, com os quais cobriam o corpo para irem ao sabá, as bruxas podiam levantar vôo ou ir de uma cidade para outra em poucos instantes.

Jean Delumeau mostra a mulher como bode expiatório, sobre o qual “uns e outros exprimiam seu medo de subversão com a ajuda de um estereótipo há muito tempo constituído” (DELUMEAU, 1996, p. 382). O autor afirma também que a Reforma protestante na Europa, na medida em que rejeitava imagens e rituais católicos, foi a causa de um aumento na crença dos poderes do Demônio.

Além das relações travadas com o Diabo durante os sabás, também havia a crença de que as bruxas possuíam a capacidade de transmutação: “vestiam-se de forma rebuscada mas tinham patas de gato ou cascos equinos” (GINZBURG, 1991, p. 119). Essa metamorfose, inteira ou parcial, executada pelas bruxas tinha, em grande maioria, caráter zoomorfo. Tal mostra de proximidade, ou ainda, afinidade com animais, leva-nos a outro terreno: a existência de 'bestas' diretamente ligadas à bruxaria. A noção de diferença entre animais 'perfeitos', ou seja, aqueles criados por Deus, bem acabados e lapidados; e 'imperfeitos', entenda-se aqueles também de criação divina, porém não terminados, e por isso de aspecto repugnante, como cobras, sapos ou ratos, além também de gatos e corvos, trazia à mentalidade preconceitos contra tais animais, já que a associação destes com a imagem da bruxa era muito facilmente feita. Para os autores do *Malleus*, as bruxas tinham poder de se transformar em animais, como cachorro, gato, lobo e serpente, e de transformar homens em feras.

A figura destes bichos foi, muito provavelmente, aos poucos, sendo deturpada para a de pequenos demônios, ou mesmo que tais animais poderiam ser os próprios demônios. Essas ideias levaram a Inquisição a procurar um pedaço de carne, uma 'teta' no corpo da mulher, "na qual o familiar (animal que executava serviços mágicos para a bruxa) podia sugar o sangue dela como forma de alimentação" (THOMAS,1991, p.414). Para Kramer e Sprenger (2004, p. 294), as bruxas matavam animais e destruíam plantações. Eram capazes de enfeitiçar animais e homens apenas com um toque de mãos ou com o olhar. Elas também recorriam a feitiços ou amuletos, que eram colocados sempre em lugares discretos ou escondidos. Acreditava-se que, por meio delas, os demônios seriam capazes de provocar raios, tempestades comuns e de granizo; trazer a infertilidade aos animais, bem como aos seus donos; envenenar rios e poços; destruir lavouras com o uso de lagartas daninhas ou enormes nuvens de gafanhotos. De acordo com Kramer e Sprenger(KRAMER; SPRENGER, 2004, p. 274), todas as enfermidades do corpo, até mesmo a lepra ou a epilepsia, poderiam ser causadas pelas bruxas. Elas também utilizavam ervas que poderiam deixar os homens alegres, tristes, tontos ou loucos. Com o auxílio diabólico, elas podiam, pois, prejudicar os homens de todas as formas imagináveis, desgraçando-os em seus ofícios, em sua reputação, em seu corpo, em sua razão e em suas vidas.

Mas ainda de acordo com os autores,(KRAMER; SPRENGER, 2004, p. 136), só com a permissão de Deus os demônios poderiam, por meio das bruxas, infligir males aos homens, aos animais e aos frutos da terra. Além disso, mesmo de posse de tão grandes poderes, as bruxas não ficavam ricas, porque os demônios gostavam de mostrar o seu desprezo pelo Criador, comprando-as pelo mais baixo preço.

Rompendo leis que certamente ignoravam, as bruxas encarnavam tudo o que era rebelde, indomável e instintivo nas mulheres. Tudo aquilo que, nesse tipo de sociedade, demandava severas punições para que o feminino 'selvagem' se dobrasse ao masculino 'civilizado'. Protagonista de inúmeras condenações, a bruxa serviu como função pedagógica de cunho moralizador durante os séculos em que a Igreja focou a doutrina cristã no combate ao mal, inimigo personificado como o demônio, o adversário de Deus, Satanás. Vinculada à natureza, a bruxa estava ligada ao chamado "Príncipe do Mundo", o diabo, que, mesmo aparecendo hermafrodita em algumas representações, é uma entidade explicitamente fálica, masculina. A mulher não pode disputar o poder do universo nem mesmo quando se trata de ser adversária da divindade masculina central.

Segundo a Igreja e seus doutores o poder da bruxa advinha de sua convivência com os demônios e do seu pacto com o diabo. Era inconcebível imaginar que a mulher, por si própria, tivesse a capacidade de curar e lançar malefícios sobre o corpo ou realizar certos fenômenos ditos “sobrenaturais”. No *Malleus Maleficarum* fica claro que, se alguma bruxa operou algum prodígio sem a ajuda do diabo, certamente foi porque serviu como instrumento para que Deus realizasse alguma das obras necessárias para o aperfeiçoamento do ‘plano divino’ (KRAMER; SPRENGER, 2004, p.247). Como subordinado de Deus, o diabo servia-se da bruxa para testar a fé dos homens e também de mulheres virtuosas. Mesmo as damas de ‘boa conduta’ eram suscetíveis aos cortejos infernais porque as mulheres eram mais “facilmente seduzidas pelo pecado”.

Os aristotélicos, liderados por Tomás de Aquino, forneceram, no período medieval, a justificação teórica para a limitação da mulher e sua sujeição ao sexo forte (BOURDIEU, 1995, p.145). Uma identidade negativa, acrescida do signo diabólico no final deste período, condenou a mulher a carregar continuamente a prova de sua malignidade, justificando as atribuições que o sistema simbólico dominante lhes imputou como integrantes de sua “natureza” – ela é a tentadora, cuja lubricidade afasta os homens da salvação de sua alma. Como salienta Delumeau (1996, p. 326), sob a ótica eclesiástica, as mulheres trazem perturbações para a vida da Igreja. Filha mais velha de Satã, ela é um “abismo” de perdição. Por natureza ela tem uma fé mais fraca. A palavra feminina vem de *Fé* e *minus*, pois a mulher sempre tem e conserva menos fé.

Ao longo do período em estudo, a mulher viveu sob o estigma da inferioridade física e intelectual, sendo encarada como um ser maléfico em que se refletem a matéria, o instinto e a culpa pelas desgraças do homem. Entretanto, a mácula feminina não é um elemento recente utilizado pelos teólogos e pregadores, visto desde a Antiguidade a mulher ser a portadora do mal, estreitamente relacionada ao oculto, ao mágico e ao maligno. Mas um novo elemento será acrescentado ao caráter feminino neste momento pela Igreja, conspurcando o destino de milhares que seriam conduzidas ao ordálio: a responsável pelas desgraças da humanidade (reduzida ao universo significativo, o masculino) soma-se o conluio com o Maligno.

Como a cultura se encontrava nas mãos de clérigos celibatários, que procuravam continuamente afirmar sua precedência na relação com o sagrado através de práticas de controle do corpo, mostra-se evidente a exaltação da virgindade e da castidade e o combate à tentação, afirmando-se a renúncia sexual como o “fundamento da dominação masculina na Igreja cristã” (MOTA, 1978, p.24).

As ambiguidades acerca da figura da mulher no cristianismo originam-se com Paulo de Tarso, que afirmava possuir o dom da castidade, não compartilhado pela maioria. Para o apóstolo, “seria bom ao homem não tocar mulher alguma” (Bíblia Sagrada, Coríntios, Cap.7, vers.1), entretanto, não ousava propor o estabelecimento do celibato, pois significaria acabar com a instituição da família, a quem procurava atingir com seus discursos. Paulo coloca a mulher subordinada ao marido no casamento, sendo o homem quem comanda o casal.

As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao Senhor, pois o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja, seu corpo, da qual ele é o Salvador. Ora, assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o sejam em tudo as mulheres a seus maridos. (BÍBLIA SAGRADA, Coríntios, Cap., vers.22-24)

Da mesma forma, para Paulo a mulher também é subordinada perante a Igreja, sendo-lhe vedada a transmissão do conhecimento, o que é demonstrado em uma passagem do Novo Testamento que pode ser considerada o “texto bíblico preferido dos sacerdotes”:

Como em todas as igrejas dos santos, as mulheres estejam caladas nas assembleias: não lhes é permitido falar, mas devem estar submissas, como também ordena a lei. Se querem aprender alguma coisa, perguntem-na em casa a seus próprios maridos, porque é indecente para uma mulher falar na assembleia. Porventura foi dentre vós que saiu a palavra de Deus? Ou veio ela tão-somente para vós? (BÍBLIA SAGRADA, Coríntios. Cap. 14, vers. 34-36)

A relação que o autor acredita existir entre mulher e marido é moldada pelas relações de vassalagem: à primeira cabe amar, servir e aconselhar o homem a quem foi entregue, lealmente, sem mentir os deveres do marido-senhor consistem em protegê-la, subordinando-a dentro da estrutura social vigente. Neste momento, o casamento é afirmado pela Igreja como o sétimo sacramento, paralelamente às transformações nas condutas dos homens, frente às uniões consensuais desenfreadas e repúdio de esposas, servindo também às motivações da nobreza de afirmar suas linhagens e a transmissão hereditária do poder. Ressalta-se então o principal elemento de resgate das pecadoras contido nas Escrituras:

A mulher ouça a instrução em silêncio, com espírito de submissão. Não permito à mulher que ensine nem que se arrogue autoridade sobre o homem, mas permaneça em silêncio. Pois o primeiro a ser criado foi Adão, depois Eva. E não foi Adão que se deixou iludir, e sim a mulher que, enganada, se tornou culpada de transgressão. Contudo, ela poderá salvar-se, cumprindo os deveres de mãe, contanto que permaneça com modéstia na fé, na caridade e na santidade. (BÍBLIA SAGRADA, Timóteo, Cap. 2, vers.11-15)

Diversos manuais foram redigidos com o propósito moral de ensinar sobre a verdadeira natureza maléfica das mulheres. As mulheres como uma ameaça e uma negação da continência são apresentadas como armadilhas demoníacas, a visão do feminino que foi insistentemente construída pelo cristianismo, e introjetada nas estruturas sociais do Medievo, servirá da mesma forma à construção da imagem da bruxa. Os “homens de Deus” lançaram as perseguições contra a herege que teve sua natureza, motivações, práticas e modo de ser combatida minuciosamente relatados no *Malleus Maleficarum*, como já foi citado anteriormente.

A junção da misoginia cristã ao pânico desencadeado pela presença constante do Diabo levou à culpabilização da mulher, agente do Mal, enquanto responsável pelas agruras que afligiam os homens de fins do Medievo e inícios da Idade Moderna. O período conhecido como “outono da Idade Média”, séculos XIV e XV, assinala intensas crises que assolaram a sociedade europeia, paralelamente ao extravasamento da imagem obsedante de Satã dos universos eclesiásticos para os universos laicos e à afirmação da crença na bruxaria. A singularidade que o Demônio e o Inferno adquirem neste momento, impregnada no imaginário coletivo e nos valores de uma sociedade em constante transformação onde imperava o medo da peste, do fim do mundo e de toda sorte de aflições.

Kramer e Sprenger embasaram-se em uma longa tradição que vinculava o mal à mulher, estabelecendo uma ligação direta entre a heresia e a feitiçaria, e esta como a agente favorita do Diabo. A análise do conteúdo do manual permite retomar diversos elementos significativos nesse processo, que irá tornar o discurso misógino estereotipado na Idade Moderna. A exploração da figura feminina para a explicação dos fenômenos sobrenaturais que pareciam atingir os homens de então se exprime sobremaneira com a grande maioria de mulheres acusadas de bruxaria vistas em íntima associação com o oculto, sendo consideradas mais crédulas e supersticiosas, assim, mais expostas às tentações demoníacas. E, sobretudo, como é revelado pelos autores, “abençoado seja o Altíssimo, que até agora tem preservado o sexo masculino de crime tão hediondo: como Ele veio ao mundo e sofreu por nós, deu-nos, a nós homens, esse privilégio” (KRAMER; SPRENGER, 2004, p.121). O feminino em geral apresenta entre suas principais características a ira. “Não há veneno pior que o das serpentes; não há cólera que vença a da mulher. É melhor viver com um leão e um dragão, que morar com uma mulher maldosa” (BÍBLIA SAGRADA, Eclesiástico, Cap. 25. vers. 22-3).

## 2.1 SATÃ E OS SABÁ: NOVA CONCEPÇÃO DISCURSIVA

Escritos de caráter apocalíptico passaram a abundar o início da cristandade, surgiam em demasia espíritos malignos que tinham o objetivo de prejudicar a criação de Deus e seus planos para a salvação do mundo. Em 1484 a questão da bruxaria como categoria e seita aparece pela primeira vez explicitada pelo discurso da Igreja. A bula *Summis desiderantibus affectibus*, redigida por Inocêncio VIII, assumia a existência de um novo modelo de heresia, um grupo de adoradores do diabo, e tinha como objetivo a repressão e combate à mesma. A partir de então esboçava-se com solidez os traços marcantes que configurariam a bruxaria e o imaginário que a seguia. A Igreja se voltará com mais vigor e violência sobre essa que se tornará a maior inimiga e ameaça à cristandade: a bruxa e seus asseclas. (NOGUEIRA, 1995, p. 13). “As bruxas entram em associação com a morte e fazem pacto com inferno” (BOUREAU, 2016, p.25).

Na mesma esteira das bruxas, o diabo ganha uma “nova roupagem” no mundo medieval, deixa as poucas e apagadas aparições nas Sagradas Escrituras para agora ocupar o palco central: a figura anticristo mais proeminente, o inimigo onipresente e maligno. Sempre astuto e pronto para lançar a humanidade em perdição em conluio com as bruxas. Esses dois personagens, agora principais nas preocupações eclesiásticas, fazem cultos profanos, orgiásticos e canibalescos, missas negras: os sabás:

Bruxas e feiticeiras reuniam-se à noite, geralmente em lugares solitários, no campo ou na montanha. Às vezes, chegavam voando, depois de terem untado o corpo com unguento, montando bastões ou cabos de vassouras; em outras ocasiões, apareciam em garupas de animais ou então transformadas elas próprias em bichos. Os que vinham pela primeira vez deveriam renunciar a fé cristã, profanar os sacramentos e render homenagem ao diabo, presente sob a forma humana ou (mais frequentemente) como animal ou semi animal. Seguiam-se banquetes, danças, orgias sexuais. Antes de voltar para casa, bruxas e feiticeiras recebiam unguentos maléficis, produzidos com gordura de crianças e outros ingredientes. São esses os elementos fundamentais que se repetem na maior parte das descrições dos sabás. (GINZBURG, 1991, p.9)

Os encontros noturnos liderados por Satã constroem-se como uma paródia profanatória da missa e dos símbolos cristãos. Uma das atividades recorrentes nessas “missas negras” diz respeito à profanação da hóstia e da cruz, pisando sobre os mesmos ou cuspidos sobre eles. Tais elementos estão imbuídos do significado de abnegação da fé cristã, por ferir indecorosamente os princípios que a representam.



A dança frenética que se segue ao banquete ritualístico é claro demonstrativo do descontrole das bruxas diante do diabo e seus representantes, a quem elas tudo entregam, seu corpo, sua alma, seus filhos, e por quem tudo fazem, cometendo os pecados mais atrozes. Para Kramer e Sprenger, a disposição da bruxa em servir às trevas nunca é parcial: "(...) noculto de homenagem ao diabo, há necessidade de entregar-lhe o corpo e a alma" (2004, p.219).

Legitimando a imagem do sabá enquanto culto demoníaco das bruxas, e afirmando que a "crença em bruxas é tão essencial à fé católica que sustentar obstinadamente opinião contrária há de ter vivo sabor de heresia" (KRAMER;SPRENGER, 2004, p. 49), o manual admite categoricamente a ocorrência de intercursossexual entre bruxas e demônios seja em suas reuniões secretas, seja como forma de afirmação do pacto e/ou proliferação da bruxaria.

A utilização de corpos de crianças, especialmente as não batizadas, como ingrediente para o feitiço de poções, unguentos e venenos é outra característica essencial da bruxaria descrita no *Malleus*. A carne e os membros de crianças e recém-nascidos possuem grande poder para a invocação dos demônios. Os cadáveres das crianças mortas em cerimônias ritualísticas eram retirados dos túmulos em que estavam sepultados.

(...) as feiticeiras colocavam-nos para cozinhar numa panela até que a carne dissolvesse, destacando-se dos ossos. A parte mais sólida era usada como unguento destinado às práticas mágicas e às metamorfoses; a parte mais líquida era despejada num frasco ou odre e dada para beber, com o acréscimo de algumas cerimônias, a quem quisesse tornar-se mestre da seita.(GINZBURG, 1991, p.77)

Como nos lembra Ginzburg, imputações nefastas, envolvendo crianças não eram novidade. Crianças representam a pureza, a ingenuidade e a impossibilidade de defesa, o que torna os crimes que as envolvem mais torpes e passíveis de indignação, inclusive, popular.

Sabe-se que muito cedo, os cristãos foram acusados de crimes horrendos: cultos canibalescos, antropofagia e incestos. A quem entrava na seita (esta era a visão corrente) impunha-se degolar uma criança; após devorar-lhe a carne e beber-lhe o sangue, apagavam-se as lanternas e celebravam uma orgia incestuosa. (...) De resto insinuações semelhantes haviam sido dirigidas aos próprios judeus: em Alexandria, no primeiro século antes de Cristo, dizia-se que adoravam uma cabeça de burro e praticavam homicídios rituais, seguidos de atos de canibalismo.(GINZBURG, 1991, p.81)

Em um cenário aterrador como este o medo é recorrente; bruxas, malefícios e maldições estão por toda parte. A busca de explicações por parte do clero é incessante, há que se achar os "culpados" do caos. Essa trajetória culminou na importância teológica que o diabo

ganhou nos primeiros séculos da Idade Média. Gradualmente, integraram-se ao sistema doutrinário cristão episódios importantes, explicados a partir da influência e intervenção do mal. Como: a narrativa do pecado original, a queda dos anjos do paraíso e a redenção do homem como consequência da crucificação (COHN, 1997, p. 96).

Os autores de sermões exageraram sobre o inferno a fim de tornarem o paraíso mais atraente. Sabiam que a descrição atraente das amenidades eternas marca menos os espíritos que a evocação repulsiva de pavorosos tormentos. Mas na origem é verdade, o diabo é uma criação do cristianismo, singularmente desenvolvido pela Alta Idade Média. (LE GOFF, 2003, p. 162).

O demônio configura-se, portanto, como produto das formulações dos teólogos cristãos do medievo, justificados pela necessidade de se encontrar elucidações coerentes para a questão do maligno. Em um primeiro esforço de racionalização, diabos, demônios e espíritos malignos de toda sorte tornaram-se sinônimos, constituindo entidades que prestavam obediência ao comando de Satanás em sua luta contra o cristianismo (BOUREAU, 2016, p.63). Na Alta Idade Média, Satanás é conhecido também como Lúcifer, o "portador da luz". Eliminando-se a dualidade maniqueísta, a leitura corrente no período afirma que Lúcifer foi um anjo, criado por Deus, que contra Este se rebelou, deixando-se tomar pela vaidade e teve como castigo sua expulsão do paraíso, juntamente com a expulsão de todos que se tornaram, na esfera celeste, seus partidários (LE GOFF, 2003, p. 163). No afã de arrastar consigo a criatura humana, passou a liderar seus exércitos e legiões na tarefa de promover o pecado e dificultar a salvação:

A queda dos anjos caídos constitui o ato de nascimento do diabo e marca o ingresso do mal no universo. [...] Para os teólogos, a reflexão sobre a queda dos anjos é decisiva para e põe em jogo o problema da origem do mal: a fim de se preservar o máximo possível de um desvio dualista, enfatizam que os demônios foram criados bons e que são maus por vontade e não por natureza. (LE GOFF, 2006, P.321)

Apesar de não possuir sexo, é atribuída ao diabo intensa atividade sexual, sobretudo como íncubos e súcubos<sup>3</sup> a fim de implantar em homens e mulheres a semente do pecado, afastando-os da sagrada fé.

A razão, porém, por que os demônios se transformam em íncubos e súcubos não está no prazer, já que enquanto espíritos, não possuem nem carne e nem

<sup>3</sup>Demônios na forma masculina (íncubos) e feminina (súcubos) que invadem os sonhos das pessoas a fim de terem relações sexuais, planejando a perdição de suas almas.

sangue; mas é sobretudo com essa intenção –através do vício da luxúria- que conseguem infligir aos homens duplicado mal, ou seja, ao corpo e à alma, de sorte que os homens possam se entregar mais a todos os demais vícios. E não há dúvidas de que sabem qual a melhor disposição dos corpos celestes em que o sêmem é mais vigoroso, já que os homens assim concebidos serão sempre pervertidos pela bruxaria. (KRAMER; SPRENGER, 2004, p. 84)

Os demônios tornam-se capazes também de "possuir" os corpos das crianças de tenra idade. O exorcismo adquire contornos importantes nos ritos cristãos tanto na esfera coletiva quando na individual, através de bênçãos, orações, amuletos etudo aquilo que possa servir como elemento de proteção contra as tentações demoníacas.

Tendo em vista os aspectos sociais e as mentalidades da época não é difícil compreender a gradação paulatina de uma fantasia acerca da existência de uma seita secreta de adoradores do diabo, e do próprio diabo. A identificação de qualquer caráter de negatividade com o mal não tardou a se aproximar de todos àqueles fenômenos que não podiam ser explicados racionalmente, de acordo com as possibilidades de então. Bruxas e demônios passaram a fazer parte do cotidiano e influenciar desde um aborto a uma colheita ruim, secas e tempestades, até filhos bastardos lhes eram atribuídos (fruto das ações de súcubos e incubos). Bruxas e demônios passaram a ter poder de vida e morte, mas lembrando sempre que com a permissão de Deus!

Os autores do *Malleus Maleficarum* conseguiram levar tal interpretação acerca da licenciosidade feminina ao extremo. Legitimando a imagem do sabá enquanto culto demoníaco das bruxas, e afirmando que a "crença em bruxas é tão essencial à fé católica que sustentar obstinadamente opinião contrária há de ter vivo sabor de heresia" (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 49), o manual admite categoricamente a ocorrência de intercuro sexual entre bruxas e demônios seja em suas reuniões secretas, seja como forma de afirmação do pacto e proliferação da bruxaria.

Quanto à forma de as feiticeiras copularem com incubos, cumpre ressaltar seis pontos. Primeiro: quanto ao demônio e à forma que assume - de que elemento é composta. Segundo: quanto ao ato, se é sempre acompanhado da injeção de sêmen recebido de algum outro homem. Terceiro: quanto ao momento e ao lugar, se há momentos mais propícios do que outros para o ato. Quarto: se o ato é visível para as mulheres ou se só as geradas dessa forma é que são visitadas pelos demônios. Quinto: se o ato só é praticado pelas que foram oferecidas pelas parteiras aos demônios por ocasião do nascimento. Sexto: se o prazer venéreo alcançado é mais ou menos intenso (KRAMER; SPRENGER, 2010, p. 231).

Ao mesmo tempo em que a mulher e seu corpo são vistos como responsáveis pela luxúria e o pecado, é preferencialmente dentro do universo feminino que se estabelecem as práticas da magia. Em seu caráter ativo, refere-se à feiticeira em sua tentativa de escape da realidade hostil às suas necessidades e prazeres. Em seu caráter passivo, remete-se à bruxaria e a confluência entre a existência de conluio entre o diabo e algumas mulheres. O discurso presente no *Malleus* possui raízes remotas, e surgiu da junção de uma série de afirmações que ao se aglomerarem deram vida a um cenário de perseguição e morte de milhares de mulheres consideradas bruxas.

Diante de tantos argumentos acerca da suposta inferioridade natural da mulher, não foi difícil para o homem do final de Idade Média e início da Idade Moderna relacionar os seus males a forças subumanas e “criar” a imagem da bruxa, descrita com clareza por Kramer e Sprenger. Ao associar os males causados pelas bruxas aos poderes e ações do diabo, os inquisidores e padres que viveram neste período contribuíram para difundir a ideia de uma epidemia de bruxaria e de um inexorável avanço das forças malignas, que tinha nas mulheres um dos seus mais atuantes agentes, e que era preciso denunciar e combater.

## CONCLUSÃO

A visão que se tinha da mulher durante a Idade Média era predominantemente negativa, cujas raízes muito antigas e diversas foram moldadas à interpretação teológica de clérigos e autoridades da Igreja, que colocavam a humanidade no meio de uma batalha maniqueísta universal. A literatura cristã, que percorreu caminhos tortuosos para afirmar em coro uníssono as denúncias contra as artimanhas femininas, serviu-se de poderosos formadores de opinião, como Agostinho e Tomás de Aquino, cujas ideias acerca do sexo oposto contribuíram decisivamente para a formação de um juízo negativo sobre a mulher. Muito falante, supersticiosa, adúltera, lasciva, de pouca fé, alia-se ao Diabo, cuja imagem transforma-se em um poderoso instrumento de controle, pois qualquer cristão poderia tornar-se sua vítima, devendo manter-se dentro da fé para extinguir a atração pelo pecaminoso. Até a designação de seu sexo é pejorativo *Femina* de Fe e Minus, (em tradução livre, fé mínima).

Ainda que a inferioridade do feminino fosse frequentemente afirmada desde o início da institucionalização da Igreja Católica, o elemento de compreensão das relações de gênero exacerbou-se gradualmente entre os séculos XI e XV. Contribuíram para isso a afirmação de

uma visão idealizadora do feminino, reforçada pelo advento do culto mariano e da literatura de amor cortês e as discussões em torno da natureza da mulher. Os membros da Igreja encontraram na natureza feminina a justificativa para seus desejos e arroubos de pecado. A mulher era constantemente assediada pelo diabo que, utilizando-se de sua fraqueza, transformava-a em instrumento de perdição para a cristandade, fazendo cair em tentação ora os homens comuns, ora os homens consagrados a Deus.

O imaginário ocidental em torno da figura da bruxa foi construído sobre um repertório vivenciado com pavor pelas massas de fins da Idade Média e inícios da Modernidade, que acorriam aos impressionantes espetáculos públicos de execução de bruxas nas fogueiras. A bruxaria passa a ser uma ampla perversão religiosa, moral e sexual, que quebrava os maiores tabus da sociedade. O conturbado contexto do século XIV incorporou ao discurso cristão uma visão escatológica que pode ser encontrada com facilidade nos documentos do período. No caldo cultural e social que deu origem a esse imaginário permeado de terror temos guerras, fome, secas, a Peste Negra que devastaram a Europa, a ideia de um apocalipse eminente e o insistente discurso religioso, sempre misógino e maniqueísta.

Novos elementos foram incorporados e passaram a ser proeminentes no discurso da Igreja: a ira divina. A insatisfação de Deus com a conduta e os pecados dos homens tornou-se a explicação mais corrente. Teólogos e demonólogos do período afirmavam a presença constante de demônios que buscavam prejudicar e seduzir os cristãos, provocando todo tipo de maldade. A busca por uma justificativa para as conturbações dos séculos XIV e XV trouxe consigo a afirmação da ira divina e a necessidade de aplacá-la levou a um discurso contra a bruxaria que reuniu em um único sujeito elementos até então desconexos, quais sejam a magia, a mulher e o diabo.

O discurso persecutório institucionalizado pela Igreja atinge seu ápice nas páginas de um polêmico e bastante difundido documento do século XV, o *Malleus Maleficarum*, fonte principal de nosso estudo. O manual foi amplamente utilizado por juízes seculares, eclesiásticos e até por adeptos do protestantismo nos grandes ciclos de caça às bruxas dos séculos XVI e XVII. Seus autores beberam nas mais diversas concepções teológicas em voga desde os primórdios do cristianismo. As perspectivas de Agostinho da superioridade do espírito em contraposição a inferioridade da carne permeiam toda obra. Questões relativas à subalternidade do feminino demandam, por diversas vezes, a autoridade do pensamento de Tomás de Aquino e é através dele que Kramer e Sprenger legitimam seu discurso.

Kramer e Sprenger tornaram real no imaginário dos cristãos do século XV o mito da bruxaria enquanto seita organizada de adoração ao mal. As mulheres transformaram-se em suspeitas pelo simples fato de serem mulheres, merecedoras de controle e desconfiança e punições aterradoras. Tal como autores da teoria racionalista que usamos como aporte teórico na elaboração deste trabalho: Robert Mandrou, Norman Cohn e Jean Delumeau, não cremos na existência de uma seita adepta à bruxaria no século XV, como um grupo organizado, consistente, praticante de rituais satânicos e sabás. Todavia, o discurso que foi institucionalizado pela Igreja, ganhou corpo com a publicação do *Malleus Maleficarium* foi capaz de criar um sentimento de medo e insegurança que deu à bruxaria um aspecto real. Mesmo que a existência de bruxas não fosse um fato concreto, palpável (tal como sugere o documento analisado) em caráter coletivo a bruxaria teve incidência prática nas fogueiras acessas pelos tribunais seculares e inquisitoriais. Milhares de mulheres foram queimadas a partir de uma apropriação simbólica construída no nível do imaginário. Essas fogueiras foram acesas nas mais diversas partes do globo: desde territórios europeus, até a longínqua Goa e as possessões ultramarinas espanholas, ao longo de vários séculos.

Sendo assim a importância consiste não na existência real da bruxaria como modelo deculto transgressor, mas em sua representação a partir do discurso da cristandade. Real ou não, o conceito da bruxaria passou a permear o imaginário dessas sociedades e alterar a maneira como as pessoas viviam e se relacionavam, de modo que as acusações de bruxaria recaíram sobre todos (as) aqueles (as) suspeitos (as) de atentar contra a fé e a Igreja. O *Malleus Maleficarum*, transformou um modelo de conduta em instrumento de poder político, fez estender-se o conceito e o iminente perigo da bruxaria.

Após o *Malleus Maleficarum*, grande parte das mulheres consideradas hereges passaram também a ser acusadas de bruxaria, de forma que tais horizontes passaram a mesclar-se e confundir-se diante da ameaça do diabo, ampliando cada vez mais os poderes de condenação dos tribunais. Assim a bruxaria ganhou visibilidade e as acusações alargaram-se. Todo e qualquer problema poderia ter como causa a prática da bruxaria. No âmago do discurso cristão do século XV um exército se compunha, um exército diabólico, com o único objetivo da destruição. Para combater o inimigo lançou-se mão da palavra, recurso linguístico competente, e da força, presente na tortura e na fogueira. Sempre com as ordens e as bênçãos da Igreja, tudo com a permissão de Deus e para o bem da humanidade, diziam eles.

## BIBLIOGRAFIA

BAROJA, Julio Caro. **LasBrujas y su Mundo**. Madrid: Alianza, 1997.

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições**: Portugal, Espanha e Itália. Séculos XV-XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

\_\_\_\_\_. **O Imaginário da Magia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Mateus Hoepers. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BOREAU, Alain. **Satã Herético**: O nascimento da demonologia na Europa Medieval (1280-1330). Campinas: Editora Unicamp, 2016.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. Introdução à análise do discurso. Campinas: UNICAMP, 2002.

CLARK, Stuart. **Pensando com Demônios**- A Idéia de Bruxaria no Princípio da Europa Moderna. São Paulo: Edusp, 2006.

COHN, N. **Los demonios familiares de Europa**. Barcelona: Altaya, 1997.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente**: 1300 - 1800. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DUBY, Georges. **Eva e os Padres** – damas do século XII. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GINZBURG, Carlo. **História noturna**: decifrando o sabá. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

\_\_\_\_\_. **Os andarilhos do bem**: feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. América, 1999.

JÚNIOR, Eduardo C P; SILVEIRA, Fabiano A M; ROBERTO, Giordano B S. Roteiro pra leitura do *MalleusMaleficarum*. In: GUSTIN, Miracy Barbosa de Sousa (org). **História do Direito**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2007.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **MalleusMaleficarum**: O Martelo das Feiticeiras. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 2004.

KUNZE, Michael. **A caminho da fogueira**. São Paulo: Campus, 1989.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2010.

\_\_\_\_\_. **A civilização do ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2005.

LE GOFF, Jacques. A recusa do prazer. In: DUBY, Georges. **Amor e sexualidade no Ocidente**. Porto Alegre: L&PM,1992.

\_\_\_\_\_. **O Imaginário Medieval**. Lisboa: Estampa,1994.

\_\_\_\_\_. **O Maravilhoso e o Cotidiano no Ocidente Medieval**. Rio de Janeiro: 70,1983.

LIEBEL, Silvia. **Demonização da Mulher**: a construção do discurso misógino no MalleusMaleficarum. 2004. 74f. Monografia (Especialização em Pesquisa Histórica) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba.

MICHELET, Jules. **A Feiticeira**. São Paulo: Aquariana, 2003.

MOTA, C. G. As Ciências Sociais na América Latina: proposta deperiodização (1945-1983). In: MORAES, R.; ANTUNES, R.; FERRANTE, V.B. (Org.). **Inteligência brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.24.

MURRAY, M. **O culto das bruxas na Europa Ocidental**. São Paulo: Madras, 2003.

NADER, Maria Beatriz. A mulher e as transformações sociais do século XX: a virada histórica do destino feminino. **Revista de História da UFES**. Vitória, n. 7, 1998.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O Nascimento da bruxaria**: da identificação do inimigo à diabolização de seus agentes. São Paulo: Imaginário, 1995.

ORLANDI, Eni p. O discurso religioso. In: **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes,2006.

OSO, Fernando Jiménez Del. **Brujas, las amantes deldiablo**. Madrid: Anaya, 1995.

RICHARDS, Jeffrey. **Sexo, desvio e danação**: as minorias na Idade Média. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

RUSSEL, Jeffrey B. **História da feitiçaria**: feiticeiros, hereges e pagãos. Rio de Janeiro: Campus,1993.São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

SILVA, Gilvan V. Representação social, identidade e estigmatização: algumas considerações de caráter teórico. In: FRANCO, S. P.; LARANJA, A. L.; SILVA, G. V. (orgs.). **Exclusão social, violência e identidade**. Vitória: Flor e Cultura, 2004.

SMITH, Matthew Ryan. **Reconsidering the obscene**: the Massa marítima mural. Queen's Journal of Visual & Material culture n. 2, 2009.

THOMAS, Keith. **Religião e o declínio da magia**: crenças populares na Inglaterra dos séculos XVI e XVII. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TÖPFFER, Pierre. **As missas negras**. Póvoa de Varzim: Publicações Europa-América, 1980. V. (orgs.). Exclusão social, violência e identidade. Vitória: Flor e Cultura, 2004.